

CEEE/Som do Sul

Henrique Mann



fascículo nº 22

Nei Lisboa

Gelson Oliveira





Este projeto foi realizado através da Lei de Incentivo à Cultura do Estado do Rio Grande do Sul, com o patrocínio da Companhia Estadual de Energia Elétrica.



Projeto, Produção, Direção e Edição: Henrique Mann
(todos os direitos reservados).

Músico, produtor e escritor. Natural de Porto Alegre, profissionalizou-se em 1983, desenvolvendo, desde então, intenso trabalho de pesquisa de história da música. Discografia: LP "Quintanares & Cantares", em parceria com o poeta Mario Quintana (1986, relançado em CD, em 1998), CD "Porto Alegre Boêmia - Um Século de Canções - Vol. I" (1997), "Porto Alegre Boêmia - Um Século de Canções - Vol II" (1998), CD "Norte In Sul" (2000). Livros publicados: "A Música Popular Brasileira em Debate" (Ed. Alcance - 1991) e "Retratos da Vida Boêmia" (Ed. Ampla - 1995). Eleito, em 1999, Presidente da Associação Gaúcha do Disco Independente (Agadisc).

Coordenação Editorial: Mônica Kanitz

Apoio à Pesquisa: Eglê Manssur Anflor e Leandra Vargas

Produção de Pesquisa de Campo: Rosane Furtado Fernandes

Transcrição de Partituras: Michel Dorfman

Revisão: Dione Detanico Busetti

Direção de Arte: Vitor Hugo Turuga

Projeto Gráfico: Fósforo Design Gráfico
Assistência de Arte e Diagramação: Clotilde Sbardelotto
Direção de Fotografia das Capas: Vitor Hugo Turuga
Fotografias das Capas: Nilton Santolin
Retoque Fotográfico, Recuperação de Originais
e Ilustrações Digitais: Vitor Hugo Turuga
Contracapas: Paulo Ricardo Winterle/CEEE, com Charges de Santiago



Coordenação Gráfica: Rossir Berni - Editora Alcança Ltda.

R. Sto. Antonio, 254/ 1º andar - 90220-010 - P. Alegre/RS - fone: (51) 3311 1075
www.editoraalcanca.com.br / e-mail: alcanca@editoraalcanca.com.br

Impresso na Gráfica Palotti, em maio de 2002.

Colaboração com Textos: Gilmar Eitelwein, Renato Mendonça, Mônica Kanitz, Juarez Fonseca, Roger Lerina, Kenny Braga, Cláudio Brito, Isabel L'Aryan, Pedro Metz, Mutuca, Ricardo Lima e Margarete Moraes.

Especiais Agradecimentos: Instituto Gaúcho de Tradição e Folclore (Erací Rocha, Cláudio Knerin, Praxedes e Menini), Museu Hipólito José da Costa (Carlos R.C. Leite e Neusa Valejo), Fundação Vitor Mateus Teixeira (Betha e Teixeira Filho), Paixão Côrtes, Barbosa Lessa, Dedé Ribeiro, Juarez Fonseca, Kenny Braga, Antônio Augusto Fagundes, Sílvia e Lucienne Ruschel, Rogério Piva e família, Aírton Ortiz, Pery Souza, Sindicato dos Compositores (Sicom), família Bertussi, Hardy Vedana, Renato Mendonça, Roger Lerina, Marcelo Menna Barreto, Tânia Aquino, Eneida Serrano, Maria da Graça Rodrigues, Flávio Chaminé, Heloy e Tiarajú Fróes, Nelson Coelho de Castro, Luís Gomes, Flávio Mendes, Marcos Souza, Luis Müller, Suzi Rillo, Marcos Borghetti, Patrício Maicá, Lupicínio Rodrigues Filho, Tânia Matte, Teresinha Silveira, Fábio Pedersen Rosa, Guga Munhoz, Sérgio Nunes, Coordenação de Música da Secretaria Municipal da Cultura de Porto Alegre, compositores, músicos, seus familiares e amigos.



Nei Lisboa

Este tipo de coisa não combina muito com a gente, mas é perfeitamente possível dizer que o Nei Lisboa é o nosso *pop star*, a grande estrela da música popular gaúcha. Venerado pelo público, Nei parece que tem um tipo de encantamento, como aquele do flautista de Hamelin (que fazia todas as pessoas o seguirem e conseguiu, dessa forma, acabar com todos os ratos de uma cidade). Seus shows estão sempre lotados, e o público, normalmente aficionado, trata o compositor como se fosse alguém da família, chegando a pedir músicas que não estão no roteiro e engatando conversas fora de hora. Se Nei se incomoda, o público nem se importa. Afinal, quem mandou fazer uma música com a qual a gente se identifica tanto?

Ora roqueiro, ora baladeiro, Nei é um compositor antenado com o seu tempo, irônico como poucos e com uma veia romântica na medida certa. Suas músicas não deixam de abordar temas polêmicos, como as drogas, a ditadura ou a massificação. Também é um cara simples, que responde os e-mails rapidamente e pode ser encontrado tomando uma cerveja nos bares da Oswaldo Aranha. Tem uma história de idas e vindas, que inclui um desacerto com uma das principais *majors* da indústria fonográfica e certa restrição ao *showbis*. Poderia ser um nome importante da música pop brasileira, mas preferiu ficar no Rio Grande do Sul e investir nos outros estados do sul e no vizinho Uruguai. Nem ele sabe ao certo se tomou a melhor decisão, mas deixa transparecer que é assim mesmo, um cara que só faz o que tem vontade. São, enfim, vários fatores que contribuem para dar ao Nei esta aura de artista meio mítico, adorado pelos fãs e que faz com que cada show e novo disco seja sempre aguardado com ansiedade e expectativa.

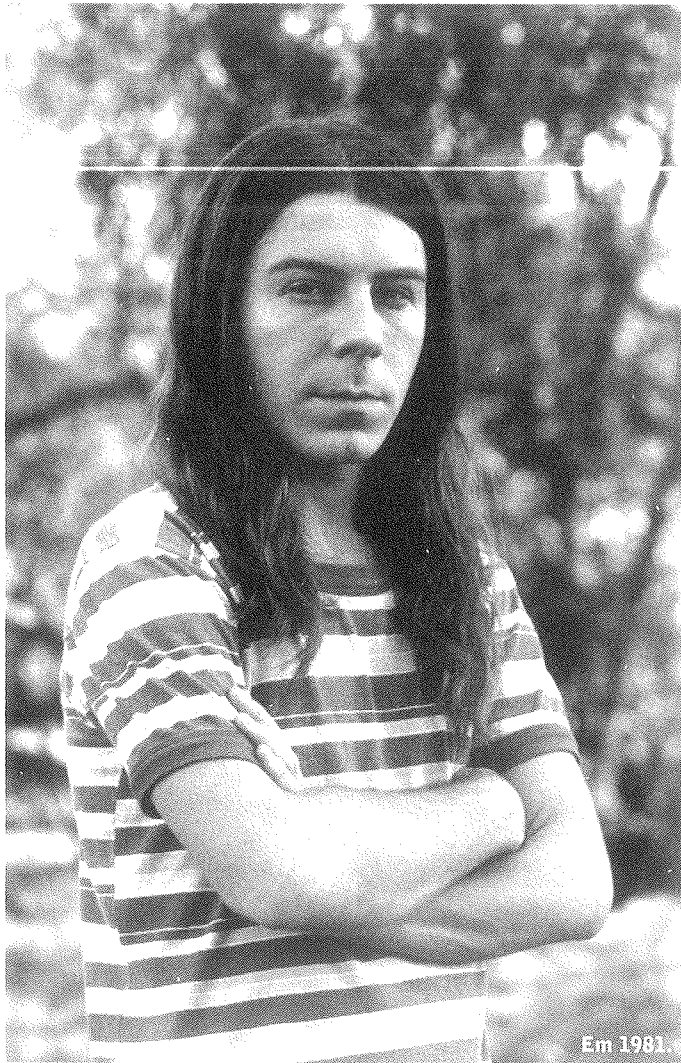


Cronologia Biográfica: Nei Tejera Lisboa Nei Lisboa

1959 - Nasce em Caxias do Sul (RS), no dia 18 de janeiro. Diz que a família tem uma certa tradição musical e que as irmãs tocavam "piano social".

1965 - A família muda-se para Porto Alegre, onde Nei passaria a infância. Até a adolescência, ainda moraria por períodos em Florianópolis e São Paulo. Na chegada a Porto Alegre, estuda violão no Liceu Palestrina.

1972 - Tem a vida abalada pelo desaparecimento do irmão mais velho Luiz Eurico. Muitos anos mais tarde, seus restos mortais seriam localizados, comprovando que fora assassinado pela ditadura militar. Luiz Eurico (ver box) foi o primeiro desaparecido político do regime militar a ser localizado. Deixou viúva Suzana Lisboa, um dos expoentes na defesa dos direitos humanos no Brasil.



1975 - Viaja para concluir o segundo grau nos EUA, através de um intercâmbio de estudantes. No sul da Califórnia, em uma pequena cidade próxima ao deserto, retoma o violão e começa a compor.

Lá aprendeu a maior parte do repertório do álbum que lançaria no distante ano de 1998, com músicas de Lennon e McCartney, Paul Simon e Bob Marley, entre outros. Seria o seu maior sucesso comercial e uma das turnês de shows mais bem sucedidas de sua carreira.

1976 - Ingressa na Universidade Federal do RS, no curso de composição e regência.

1978 - Abandona a faculdade no quarto semestre. Hoje diz que o que mais aproveitou do curso foi o conhecimento com outros músicos e as rodas de som do Diretório Estudantil.

1979 - Depois de apresentações esporádicas no circuito universitário, conhece Gelson Oliveira. Estréiam juntos, em teatro, o show "Lado a Lado", no Clube de Cultura, em POA.

No final deste ano, cria o show "Deu pra ti anos 70" (com o guitarrista Augusto Licks), que firmaria o compositor no cenário musical de Porto Alegre. O show inspira o famoso filme homônimo de Giba Assis Brasil.

1983 - Através da venda de bônus, viabiliza seu primeiro disco, o LP independente *Pra Viajar no Cosmos Não Precisa Gasolina*, que sai com 3 mil cópias. Havia conseguido vender 500 cópias antecipadamente. Na época, produzir um disco era muito caro e, além do dinheiro dos bônus, o disco consumiu o fundo de garantia de Augusto Licks.

1984 - Lança o disco *Noves Fora* pela ACIT, que adquire também o *Pra Viajar no Cosmos...*. Já possui um bom público e realiza muitos shows pelo interior do estado.

1987 - Sai o disco *Carecas da Jamaica*, pela EMI-ODEON. Carregado de crônicas sociais, o disco é um sucesso retumbante nas rádios de Porto Alegre.

1988 - Grava o disco *Hein ?!*, também pela EMI-ODEON.

Sofre terrível acidente de carro em que falece sua companheira Leila. Nei fica transtornado e passa por um período tumultuado em sua vida pessoal.

O disco era para ser um trabalho bem-humorado, mas acabou virando "*uma tragédia, um disco esquizo-frênico*", comentaria, em 2001, à Revista de Bordo da ATL. Ao público não pareceu, e o trabalho foi bem recebido. "*Para mim, foi a hora de dar um tempo. Fiz*



Nei com Dedé Ribeiro.

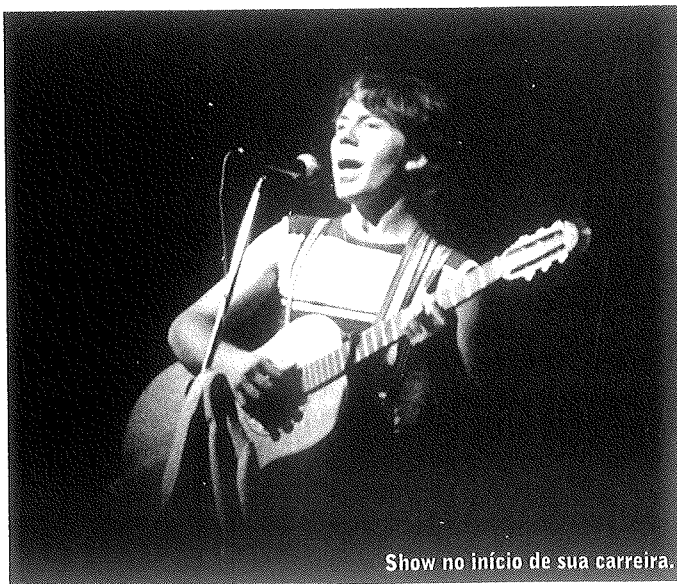
toda a turnê de lançamento já chutando o balde para a carreira. Foi um período bem difícil em minha vida".

1989 - Nei tem dificuldades de relacionamento com a gravadora. A EMI-Odeon oferece-lhe uma música já escolhida, como tema da novela Top Model (horário das sete, na Globo). *Hey Jude*, com versão de Ronaldo Bastos que envia-lhe a letra e um bilhete, dizendo que gostava de seu trabalho e que poderia mudar o que quisesse. Nei altera algumas frases e deixa outras em inglês.

Na última hora, a gravadora decide trocar a letra para uma versão de Rossini Pinto, uma versão dos anos 60. Nei recusa-se a gravar e é despedido da gravadora.

Ao completar dez anos de carreira, Nei realiza uma série de apresentações em diversos teatros de Porto Alegre. Mais de 8.500 pessoas assistiram, comprovando a receptividade do público ao seu trabalho.

1990/91 - Estréia na literatura com o livro "Um Morto Pula a Janela", pela Editora Artes & Ofícios.



Show no início de sua carreira.

Luís Fernando Veríssimo escreveria "Este primeiro livro é, ao mesmo tempo, tudo o que se esperava do Nei Lisboa e o que ninguém podia esperar".

Começa a preparar o disco *Amém*, retomando contatos com músicos amigos do Uruguai.

1992 - A ACIT lança, em CD, uma compilação dos LPs *Pra Viajar no Cosmos...* e *Noves Fora* sob o título *Eu Visito Estrelas*.

1993 - Realiza temporada de quatro dias, no teatro da OSPA, com o show "Senhor do Bom Fim". Estabelece marca recorde de público para a música pop gaúcha: 3.800 espectadores.

Grava o disco *Amém*, pela Som Livre. Parte do repertório da obra é formado por trabalhos de compositores uruguayos e suas próprias composições são feitas com o ritmo candombe, originário do Uruguai.

1994 - Cria um birô de editoração. Craque em computadores, passa a trabalhar nesta área, em busca de uma segunda profissão que possa significar maior estabilidade financeira.



Nei em 1982

1998 - Grava o CD *Hi-Fi*, pela Paradoxx. Excursiona pelos estados do sul, acompanhado pelo guitarrista Paulo Supekovia. No repertório, um apanhado de músicas folk que o havia influenciado no início da carreira.

Vê-se na contingência de fechar o birô de editoração por não conseguir compatibilizar este trabalho com o sucesso do *Hi-Fi*. Precisava, além dos shows, compor um novo disco.

1999 - Ao completar vinte anos de carreira, sai em turnê com o show "Tudo de Novo um Tanto Talvez pela Próxima Vez". O repertório era um balanço de suas principais composições.



Lançado, pela Sulina, o livro "Condições Ideais Para o Amor", com poemas, cartas e história de Luiz Eurico Tejera Lisboa. Nei escreve o texto de orelha sobre a saga do irmão.

2000 - Apresenta repertório inédito no show "Cena Beatnik", no Theatro São Pedro (outubro, em POA) e no SESC/Vila Mariana (novembro, em São Paulo).

Ao final do ano, assina contrato com a ACIT para o lançamento de *Cena Beatnik* em CD pelo selo Antídoto, com produção de Fernando Pezão. Neste disco, com doze músicas inéditas, inclui uma homenagem ao irmão Luiz Eurico, em *E a Revolução*.

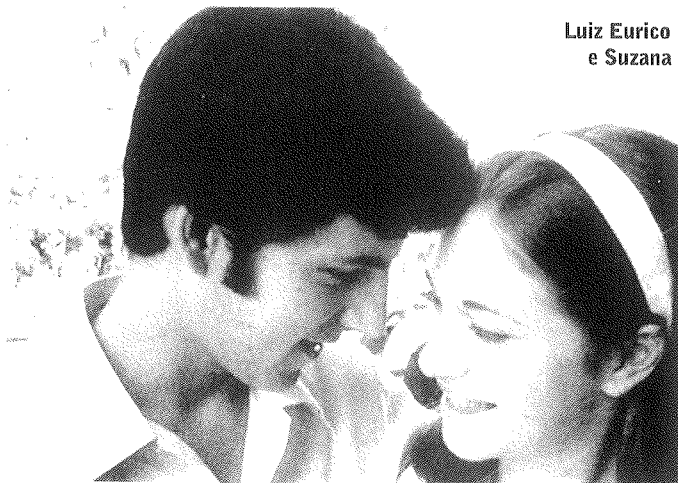
2001 - Apresenta-se, durante o Fórum Social Mundial, em Porto Alegre, acompanhado por Luiz Mauro Filho nos teclados e Paulinho Supekovia no violão e guitarra.

Em julho, lota o Teatro da OSPA em duas apresentações, para o lançamento de *Cena Beatnik*.

Em agosto, reapresenta o show no Theatro São Pedro, com igual sucesso.

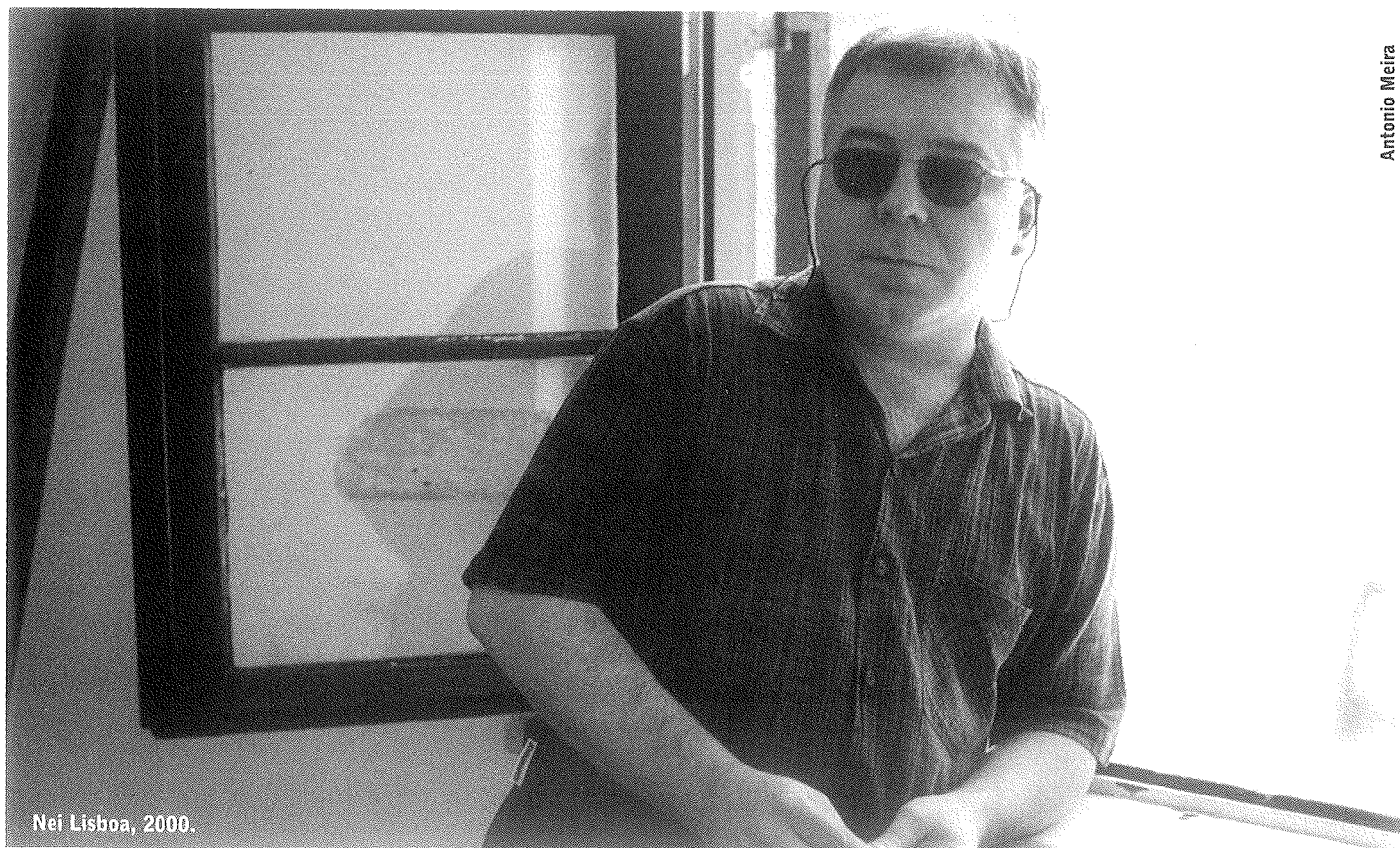
Em setembro, inaugura o show ao ar livre, o "Caminho dos Parques", ciclovia de Porto Alegre. Ao final do século XX, Nei é o músico porto-alegrense de maior público individual.

Luiz Eurico e Suzana



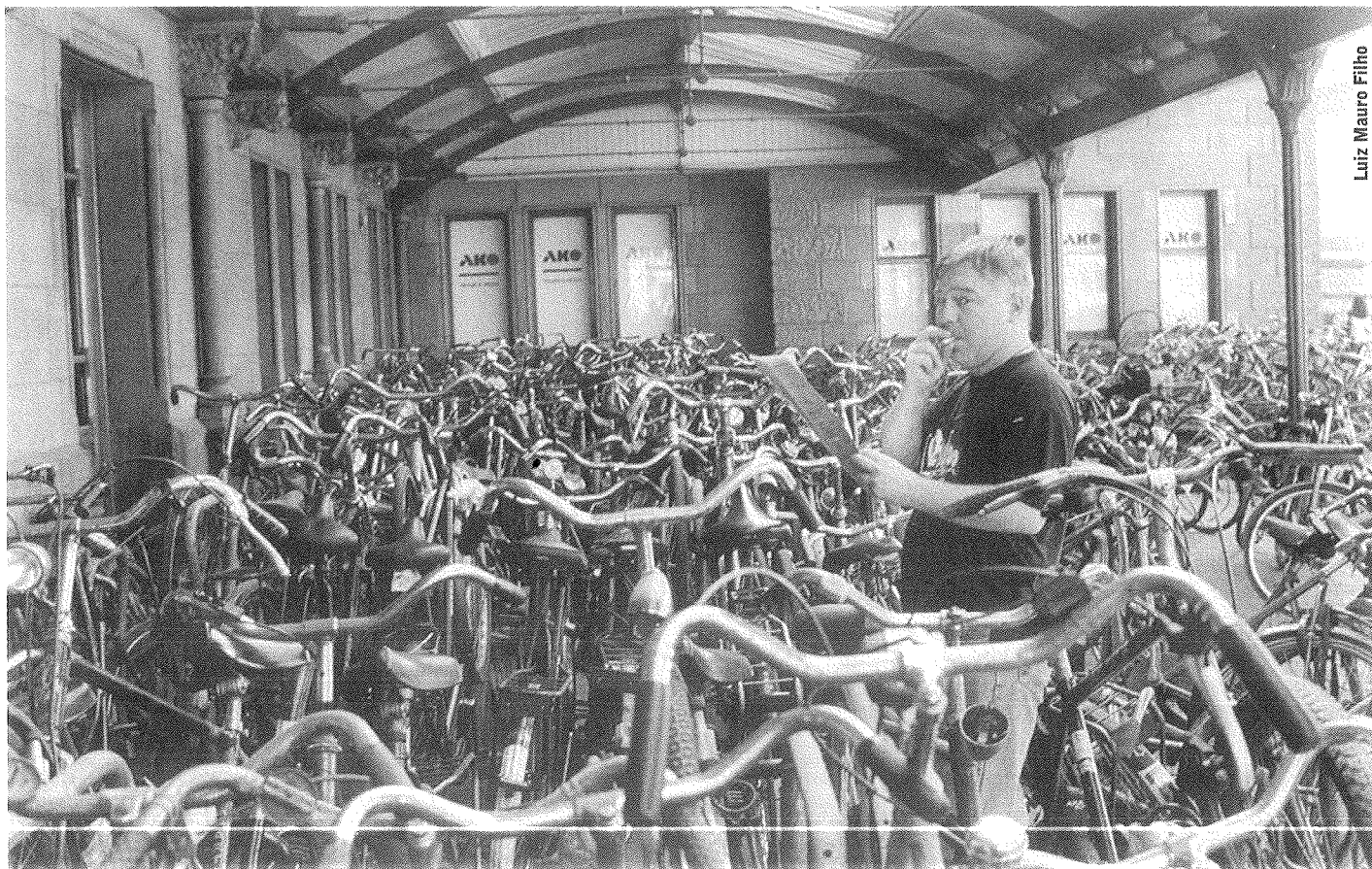
Luiz Eurico Lisboa, irmão de Nei, foi assassinado aos 24 anos de idade, no dia 02 de setembro de 1972 em uma pensão do bairro da Liberdade, em São Paulo. Tornara-se perseguido político ao tentar reabrir o Grêmio Estudantil do Colégio Júlio de Castilhos (POA), fechado pelo regime militar.

Em 1979, sua viúva, Suzana Lisboa, encontrou seu corpo no cemitério de Perus, em São Paulo, junto a outros 150 mortos pela repressão que lá estavam enterrados clandestinamente e sob nomes falsos. Em 1982, Suzana conseguiu trazer o corpo do marido para Porto Alegre, ocasião em que seu nome foi dado a uma rua do Bairro Santa Fé, zona norte da cidade.



Antonio Meira

Nei Lisboa, 2000.



Detalhe de encarte do CD “Cena Beatnik”, 2000.

Depoimentos

“ O disco Amém é sobre todo o carinho que tenho pelo Uruguai. Existe uma ligação muito forte em termos de cultura com Porto Alegre, embora ainda existam muitas barreiras em relação à língua até. Rola um certo preconceito. Mas a ligação acontece, meio de forma guerrilheira.” (ao jornalista Alexandre Rosa - Revista da ATL - nº 7/2001).

“ É um absurdo existir preconceitos, como a barreira da língua, tão próximos que são a língua espanhola e portuguesa. Os brasileiros precisam parar de pensar que Coca-Cola, em espanhol, é cueca-cuela.

Essa minha campanha (disco Amém) foi pré-Porto Alegre em Buenos Aires e Montevideo. Eram os primórdios do Mercosul. Eu tinha esse projeto e ainda tenho.

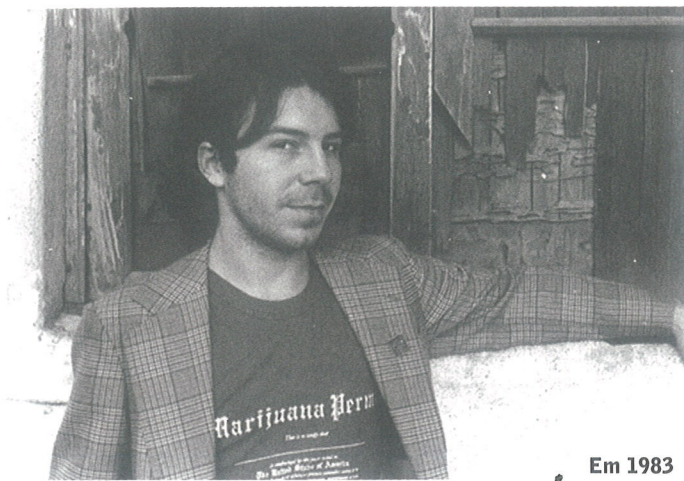
O candombe, a música nacional uruguiaia, é um ritmo fortíssimo. Negro, com tambores (como o samba), mas com uma malícia a mais, uma pegada de salsa, uma quebradinha que engana as cadeiras da gente. Isso é uma peculiaridade dessa colonização negra do sul.

A minha idéia era juntar o pessoal daqui com o

candombe de lá e, com isso, colocar o gaúcho para dançar (o que não acontece muito). Cada vez que encontro alguém da área da cultura, sugiro um carnaval de inverno. Vamos fechar a Oswaldo Aranha, por exemplo, e juntar os tambores do candombe com as escolas de samba daqui. Por que não?” (ao jornalista Juarez Fonseca - Revista Aplauso - nº 30/2001).

“ A idéia de que o fim está próximo não é minha... Alguém já fez um cartazinho antes com isso. Não é só a virada do milênio, mas o jeito como está acontecendo. Acho barra pesada essa geração que está surgindo e sabe que, daqui a 50 anos, vai estar frente a frente com a destruição do planeta. O caos mítico ou hollywoodiano agora faz parte de um futuro possível.

Na questão da esquerda, que não se viva do sectarismo de salvar o terceiro mundo do imperialismo. Que não se viva exclusivamente disso, seguindo cartilhas. O que interessa é que o pensamento sobreviva pela dúvida e que as palavras não se fechem dentro de um discurso, que sirvam para uma coisa prática para a humanidade. Acho que é isso: ao contrário de ser amargo, quero vislumbrar futuro.” (sobre o disco Cena Beatnik - Aplauso)



Em 1983

“ Sempre parto da música. Nunca começo a escrever a letra se não tiver algo puxando. Não sou nenhum gênio - o que me dá raiva, porque seria muito mais fácil. Eu preciso ficar trabalhando a letra, burilando, e isso é muito chato. Às vezes faltam uma ou duas frases para terminar, tenho que colocar alguma coisa e não consigo, fico dias batendo a cabeça na parede, procurando uma palavrinha.” (Revista Aplauso)

“ Em plena ditadura, em plena resistência, em plena Tropicália, em plena confusão. Eu convivi com essas duas coisas lá em casa. A revolução cultural e a guerrilha eram duas coisas que se tocavam.” (Revista Aplauso)

“ Já completei sete anos de análise, com intervalos, e me ajudou em muita coisa. Fui obrigado a fazer depois da morte da Leila naquele acidente de carro. Eu estava numa época muito desestruturada e teria sido muito complicado sair sem um bom auxílio profissional. Mas já na época eu fui pensando que era tarde, achava que deveria ter começado antes.” (Revista Aplauso)

“ O instante da morte de Leila é um momento decisivo, o ápice de uma carreira no mercado fonográfico. Eu estava na EMI-Odeon, tinha alcançado um certo sucesso nacional e seria possível construir alguma coisa. Mas aí não entrei no jogo da gravadora e isso inviabilizou meu crescimento. Se eu me arrependo? Não sei. Por um lado, estou brigando para sobreviver, mas construindo uma coisa interessante. Se minha música mantiver seu prumo, e eu conseguir viver disso, é uma coisa que pode ficar; quanto mais velha, melhor.”

“ Atualmente vende-se a imagem da jovialidade,

da potência. No mercado de música popular, com exceção de alguns resgates, a mídia quer uma banda de gente bonita, jovem, atlética, audaciosa, agressiva. Em determinado momento da década de 90, eu cruzei uma linha em que me olhei no espelho e disse: Ah, quer saber? Rio Grande do Sul e Santa Catarina estão mais do que bons. Se hoje faço show em Curitiba e São Paulo, estou achando o máximo.”

“ Ora, se eu fosse uma unanimidade, estaria rico, coisa que está muito distante de acontecer. Onde é que eu sou uma unanimidade? É verdade que os meus shows em Porto Alegre, na maior parte, ficam lotados. Agora, isso é Porto Alegre e mais duas ou três cidades do interior.”

“ Meu livro, ‘Um Morto Pula a Janela’, foi uma espécie de monografia dos primeiros anos de psicanálise. Não sei dimensionar que valor literário aquilo realmente tem, mas para mim foi um prazer ter escrito, muita gente gostou. O livro me custou oito meses. Não tenho a velocidade que alguns escritores têm. Tirar oito meses para fazer um livro foi uma vez na vida e outra na morte.” (Revista Aplauso)



Fotos cedidas por Tom Jobim, Dedé Ribeiro e acervo Nei Lisboa. Ilustração da página 3, sobre foto de Cristine Rochol.



Pra Viajar No Cosmos Não Precisa Gasolina

Nei Lisboa e Augusto Licks

1 E G#7 C#m Bm E+ F#m
 EU VI SI... TOES TRH LAS LEN DAS, PRO FE CI AS PRO CU RAN DOUM VER SO QUE...

6 C#7 F#m A Bb0 E/B C#7
 DIS SES SE TU DO A VER DA DE DA GA LÁ XIA SEAL GUM DI... AO... SOL VAI DER RE TER

13 F#7 A/B B7
 E O PO VO PAS SA FO ME... O PO VO QUER CO MER

17 E G#7 C#m Bm E+
 EU SOL TO TU... DOA QUI DE CI MA JO GO TU DO PRO CÉU

21 F#m C#7 F#m
 DE SAR... MO COM CA RI NHOAS AR MA DI LHAS QUE EN TRA VAM MEU CA MI NHO A UMA VI DA NA TU

24 E+ A Bb0 E/B C#7 F#7
 RAL... MAS SEM PRE TEM UM GRI LO CRI CAN DO MEU PRA ZER O PO VO PAS SA

30 A/B B7 E G#7
 FO ME... O PO VO QUER CO MER BA RÔES, FRA GA TAS,

35 C#m Bm E+ F#m
 PLU TÔ NIOS, NEU RÔ NIOS EX PLO SI VOS NÃO IM PE DI RÃO QUEO CI CLOE VO LU TI VO

38 C#7 A Bb0 E/B
 DO PLA NE TA CUM PRAO SEU... DE VER... MAS DAN DO NO QUE DER JÁ SEI... QUE UM DIA VOU MOR

43 C#7 F#7 B7
 RER EO PO... VO... AH, O PO VO...

Transcrição de partitura por Michel Dorfman.



Carecas da Jamaica

Nei Lisboa e Augusto Licks

1 *Em* *D*
 SE ME DE... REM UM PE DA ÇO DE... PLU YÓ... NIO

3 *C* *D* *Em* *Em*
 MI NHA TUR... MA SEEN CAR RE GA DEEX PLO DIR... A PO BRE... ZA DAS I DEÍ AS DES... SA GEN...

6 *D* *C* *D* *Em*
 TE... QUE CO MAN... DAG SHOP FING... CEN... TER DO PA IS

9 *Em* *D*
 CA DA VEZ... QUEA COR JA FA LA DE CUL TU... RA

11 *C* *D* *Em*
 GLAU BER QUER... QUE BRAR A TAM PA DO CAI XÃO

13 *Em* *D*
 CA DA PO... VO TEM O NO VO QUE... ME RE CE

15 *C* *D* *Em*
 EO ME NU... DO VEM COM TU DOE COM RA ZÃO

17 *C* *Am* *Em*
 AOS FO E TAS, LUZ E SOM BRA CHA TÓS... E CHAN DONS...

19 *C* *Am* *Em* *C* *B7*
 AOS PI RA... TAS DO SU BÜR BHO GA LE RAS DO REL... AS PI RA... NHAS, CAR NE FRES CA

22 *Em* *A7* *C* *Bm* *A- B7*
 TU RIS... TAS NO RIO... AOS CA RE... CAS DA JA MAI CA, NA DA NA DA

Transcrição de partitura por Michel Dorfman.



Formado nos bailes e bares da vida, Gelson Oliveira construiu uma carreira que começou em 1977, quando tinha doze anos, em Gramado. *Crooner* no conjunto de baile "Die Fledermaus", formado por italianos e alemães, Gelson escapulia pela janela, fugindo aos cuidados de Dona Sebastiana, que preferia ver o filho como artesão, hábil na confecção de móveis, com um futuro mais previsível.

Talento, fica claro, começou muito cedo. Mas a vida foi aprimorando a voz negra, de timbre metálico, que ganhou mais segurança, mais suíngue; o instrumentista, que preferia tocar de ouvido as aulas de violão, especializou-se na Escola Villa-Lobos, por convite do mestre Paulo Moura; o compositor cresceu, sabendo encontrar seu estilo e seus parceiros, sabendo falar de amor e racismo, eloqüente, sutil.

Junto com Nei Lisboa, Tetê Espíndola, Bebeto Alves, Nelson Coelho de Castro, Nico Nicolaiewsky, Gilberto Gil, Totonho Villeroy, Vitor Ramil, Glória Oliveira, entre outros, percorreu os palcos, criou um público, gravou discos e ajudou a escrever a história da música em Porto Alegre. Impossível não acompanhar suas músicas, sem deixar o corpo responder ao chamado do ritmo. O público corresponde ao chamado, participa, canta, brinca e gíngua.

Gelson Oliveira é, hoje, um dos músicos mais importantes de nossa terra. Construiu sua trajetória, aprendendo, acrescentando, filtrando aquilo que lhe interessava, depurando a parte que lhe cabia. Gosta de dizer que "*música é como roupa; umas te servem, outras não*". Compositor de MPB, com sotaque gaúcho, suíngue negro, instrumentista competente, superou suas potencialidades e conquistou o público nacional e europeu.

Ainda há muito por fazer, muitos discos a gravar, shows esperados por todos. Mas é importante poder olhar para trás e ver o muito que já está feito. Queremos reconhecer nossos artistas sempre, não como balanço, não como encerramento, fim de festa. Nosso objetivo é congratular a cidade por aquilo que ela produz de melhor, agradecendo ao artista por aquilo que tem nos presenteado e, sobretudo, pelo que ainda está por vir.

Esta página é uma colaboração de **Margarete Moraes** - Secretária da Cultura de Porto Alegre



Cronologia Biográfica:

Gelson Oliveira Rodrigues

Gelson Oliveira

1955 - Nasce em Porto Alegre, na Santa Casa de Misericórdia, filho de Rui Rodrigues e Sebastiana Oliveira.



Gelson com a mãe, Dona Sebastiana.

1961 - Entra no curso primário do Grupo Escolar Mont'Serrat.

1965 - Os pais mudam-se para Gramado, acompanhando a família para a qual trabalhavam, o casal Rosenfeld. Lá, a sra. Elizabeth Rosenfeld constitui o Artesanato Gramadense (primeiro artesanato comercial de Gramado e que originou os famosos móveis). Gelson passa a trabalhar (com dez anos) como artesão nesta empresa.

1966 - Conclui o curso primário e ingressa no ginásial. Gelson participava de peças teatrais promovidas por dona Elizabeth, onde fazia o personagem "Pelé", o que acabou gerando o apelido "Pel", como é conhecido em Gramado até hoje.

Gelson participa do programa de calouros infantis "Vovô Joaquim" da TV Piratini. Constatando o talento do menino, dona Elizabeth deu-lhe um violão e colocou-o para estudar o instrumento.

Seu professor foi o cabo da Brigada, Ivan, que passou a ensinar-lhe os primeiros acordes (basicamente músicas de Roberto Carlos, sendo a primeira *Maria, Carnaval e Cinzas*, em lá menor).

1967 - Aos doze anos, ingressa no "Die Fledermaus" conjunto de baile que estava começando. Era formado por italianos e alemães, e "Pel" passou a crooner. O conjunto tocava nos fins de semana.

Nos primeiros bailes, Gelson fugia pela janela para tocar, até o dia em que Dona Sebastiana descobriu e trançou a janela. O pessoal do conjunto teve que ir até lá e se responsabilizar por Gelson. Dona Sebastiana cantava muito bem, e o seu Rui havia sido ritmista e cantor profissional da noite. Eram, porém, totalmente contrários a que Gelson seguisse carreira musical, preferindo que ele ficasse como artesão junto à família Rosenfeld.

1970 - Faz a carteira da ordem dos músicos em Nova Petrópolis. Por esta época, o famoso "Kikito" (estatueta prêmio do Festival de Cinema de Gramado) já estava sendo confeccionado na oficina onde Gelson trabalhava. O "Kikito" era uma criação de dona Elizabeth, e Gelson participa da linha de montagem da estatueta.

1976 - Passa a trabalhar na Secretaria de Turismo de Gramado, envolvendo-se na produção de vários eventos, inclusive do Festival de Cinema.

1977 - Começa a incursionar como músico em Porto Alegre a convite do grupo "Sol e Chuva", formado pelos irmãos Pires e Chico Ferreti. Conhece o apresentador Fernando Vieira que o convida para tocar algumas vezes no programa de TV "Porto Visão", grande sucesso local da época.

Lá conhece Nelson Coelho de Castro, então produtor de Tânia Carvalho. Entra em substituição a Chico Ferreti no famoso bar Big Som e passa a atuar no circuito de casas noturnas da capital.





1978 - Muda-se definitivamente para Porto Alegre, decidido a fazer carreira musical.

1979 - Conhece Nei Lisboa, através de Augusto Liks e, juntos, estréiam em teatro, em julho daquele ano, com o show de repertório próprio "Lado a Lado", no Clube de Cultura.

1980 a 1982 - A convite de Nelson C. de Castro, participa do show "Explode 80", no Araújo Vianna ao lado dos principais expoentes da época. Conhece Paulo Moura no Festival de Cinema de Gramado. Sensibilizado com

seu talento, Paulo oferece-lhe uma bolsa de estudos na Escola Villa-Lobos (Rio de Janeiro), em um curso que priorizava a intensificação de escrita musical para ritmo, harmonia e melodia integradamente.

1983 - Lança o LP independente, *Terra*, em parceria com Luiz Ewerling, e segue fazendo shows sobre o disco.

1985 e 1986 - Abre o show de Gilberto Gil no Gigantinho; participa de shows com Tetê Espíndola e Itamar; vence o I Festival de MPB da PUC; defende a música *Mãe Pátria* de Jerônimo Jardim e Geraldo Flach no Festival dos Festivais da Rede Globo de TV; participa de duas edições da mostra MPG, promovida pela RBS.

Realiza o show "Prato Quente Temperado" com Totonho Villeroy, nos teatros Renascença e da Reitoria, seguindo para Florianópolis e São Paulo.

1989 - Passa a trabalhar na Cooperativa Mista dos Músicos de POA (Coompor), onde participa do LP *Coompor Canta Lupi* com as canções *Foi Assim* e *Felicidade*.

1990 - Vence a concorrência nacional Prêmio Fiat com o espetáculo "Platina Verde", e faz temporada no Teatro Renascença; tem a canção *Pandorga* escolhida para a trilha de abertura do programa homônimo da TVE (infantil).



Nelson C. de Castro, Gelson Oliveira, Totonho Villeroy e Bebeto Alves recebendo o Prêmio Açorianos, em 1999, pelo espetáculo "Juntos".



Com Totonho Villeroy e Toninho Horta.

1992 - Lança pela ISAEC o LP *Imagem das Pedras* e segue fazendo shows.

1993 - Ganha o Prêmio Sharp, Categoria Revelação, com o *Imagem das Pedras*; ganha o Festival Canta Montenegro Melhor Música e Melhor Intérprete com *Doce Manhã*; segue para a Europa com Totonho Villeroy, apresentando o show "Saídas e Bandeiras".

1994 - Prossegue a turnê européia pela França, Suíça, Itália, Áustria e Alemanha (num total de 34 shows). Totonho e Gelson encontram com pessoas (ver anexo) ligadas à cultura brasileira na França, surgindo, deste encontro, o Festival de Sanary "Sud a Sul".



Com Chico Cesar em Canela-RS, maio/98.

1995 - Sai a coletânea em CD *Gelson Oliveira* (independente) composta de faixas remasterizadas de discos anteriores e novas gravações.

1997 - Lança o CD *Tempo ao Tempo* pelo Fumproarte (SMC/POA).

1998 - Participa do show "Juntos", com Totonho Villeroy, Bebeto Alves e Nelson Coelho de Castro, seguindo depois para Sanary com a banda formada por Gastão Villeroy, Edinho Espíndola, Fernando do Ó, Fausto Prado e Giovanni Berti; realiza um dos shows do Projeto Retratos do Brasil, ao lado de Chico César, no teatro da OSPA.

1999 - É premiado com o troféu Açorianos de Melhor Espetáculo pelo "Juntos"; realiza o CD de música instrumental *Júlio Rizzo & Gelson Oliveira*, gravado no Brasil e prensado na Áustria, através do guitarrista brasileiro lá residente, Alegre Corrêa.

De Viena, sai em pequena turnê (seis shows) até Sanary.



Com Gilberto Gil, em Sanary.

2000 - Participa da fundação da Associação Gaúcha do Disco Independente (Agadisc); participa do concerto "Paralelo 30", com direção do maestro José Pedro Boésio (orquestra da Unisinos), substituindo o falecido músico, Carlinhos Hartlieb, integrante da versão original.

O espetáculo é gravado para produção de disco e Gelson executa *Maria da Paz* e *Manhã*, ambas de Carlinhos. Participa do evento alusivo aos aniversários de Lupicínio Rodrigues e da OSPA interpretando com a orquestra a canção *Foi assim*, de Lupi, em projeto também gravado para produção de CD.

2001 - Participa do espetáculo de lançamento do CD *Paralelo 30*, em sua nova versão, no Teatro da Reitoria da UFRGS.

Depoimentos

Sanary: " A produtora Dedé Ribeiro encontrou o compositor gaúcho Antônio Oliveira que residia em Sanary. Lá conheceram o casal François e Patricia Mass. Ela trabalhava na prefeitura local e ele produtor cultural. Juntos, resolveram levar músicos gaúchos para a França; para isso, criaram a produtora 'Cara Brasil'. Convidaram a mim, ao Totonho, que estávamos com o show 'Prato Quente Temperado', montado e com uma boa turnê agendada, e ao Bebeto Alves. Eu e Totonho tocamos, em 93, em Porto Alegre (no Teatro Renascença), Florianópolis e São Paulo e de lá para Sanary. Dali fizemos vários países, contabilizando, ao final de 94, 66 shows realizados na Europa."

" Quando criança, eu não queria aprender violão, só queria cantar. Ouvia muita música, mas o que me chamou a atenção para a música brasileira, já na adolescência, foi o disco 'Brasil 66' de Sérgio Mendes. Era uma música popular, mas com erudição, mostrava possibilidades de harmonias..."

Daí comecei a ouvir Gilberto Gil, Edu Lobo, Caetano e ainda aquelas coisas com influência norte-americana que Sérgio Mendes sugeria.

Quando conheci os meninos do 'Sol e Chuva', que tinham também uma forte influência dos mineiros do Clube da Esquina, vi ali a possibilidade de expressar as coisas que queria em música."

" Uma coisa muito marcante para mim foi a experiência de, ainda músico de baile, cantando cover, assistir ao show de uma banda de baile liderada, na época, por Daniel Lima e José Carlos Lima, hoje líder da 'Família Lima'. Eles tocavam tudo com arranjos próprios e muito bem feitos.



Luiz Ewerling, Rafael Vernet, Gastão Villeroy e Gelson Oliveira.

Aquilo foi uma influência muito positiva. Passei a ouvir música e devolver, com características pessoais, todas as informações musicais que recebia. O que eu faço hoje é filtrar e devolver tudo que ouvi desde Gilberto Gil até aqui."

" Quando toquei, na última fase do bar Big Som, eram dois gêneros que predominavam: MPB e instrumental. Eu fazia as duas coisas. Aquilo veio refletir-se no desejo de fazer um disco instrumental que deu no Gelson Oliveira e Júlio Rizzo que acabamos lançando na Europa. Isso foi outra coisa que herdei da noite. Também no Big Som, a maioria dos grandes músicos que vinham a Porto Alegre iam lá dar canja, era quase uma parada obrigatória na época. Ali vi muitos músicos bons, jam sessions memoráveis, e por isso prezo muito aquele tempo de tocar na noite."

" A noite de Porto Alegre me ensinou muito e foi, também, um meio de sobrevivência no início. Até o show em parceria com Nei Lisboa, em 79, eu fazia de tudo em música. Ali comecei a ter um público específico e contato com a imprensa. Nei já tinha um perfil definido de compositor, eu vinha daquela escola de bailes e bares, tinha um lado intérprete e um compositor, e aquela coisa de Teatro era nova para mim. Acho que aquele momento define a minha opção profissional pela música."

" Nelson Coelho de Castro, além de ser um grande compositor, tem aquela característica de ser antena de decifrar as coisas. A cabeça do Nelson foi uma coisa que atraiu instantaneamente quando o conheci. Ele sempre conversou muito comigo, sempre me deu muitos toques fundamentais, mas também sempre me ouviu muito; então a gente conseguiu trocar muita coisa. Ele sempre me estimulou musicalmente a ter auto-estima, confiança na minha própria música."



Fotos cedidas por Gelson Oliveira.

Totonho, Gelson e Gilberto Gil, em Sanary-França.

" *Minha convivência com Bebeto Alves estreitou-se na Coompor. Começamos a trabalhar juntos e atuar juntos em palco. Foi também uma coisa extremamente positiva.* "

" *Sempre gostei de tocar com instrumentistas. Acho que os instrumentistas também gostavam de mim. Sempre toquei com todo mundo, dos mais jovens aos mais velhos, desde o Fernando Corona até o Paulo Dorfman.* "

" *Totonho é extremamente agitado em tudo. Musicalmente e fisicamente, ele não pára nunca. Eu ganhei muito no convívio com ele, mas principalmente na maneira de ser profissional, encarar a música como profissão mesmo, estar atento a tudo, discutir as novidades de música pelo planeta, de estética, experimentar arranjos...* "

" *Sempre quis me tornar permeável à cultura do Rio Grande do Sul. Fui criado no interior, toquei em bailes de cidades pequenas. O contato com Porto Alegre me fez mais próximo da vida urbana das grandes cidades, como o 'Rapaz latino-americano...' do Belchior.*

Uma vez o Alegre me disse 'música é como roupa; umas servem para ti, outras não'. E é verdade, eu posso cantar de tudo, desde que eu me identifique com aquilo. Só nunca tive a pretensão de misturar as coisas regionais com outras e criar uma coisa nova a partir disso. Essas coisas têm de vir ao natural. Faço uma música

brasileira, e só. É claro que quando eu vou ao Rio e SP, todo mundo vê que eu sou gaúcho, pelo sotaque, e até pela maneira de tocar, porque às vezes aparece alguma coisa de milonga ou de chacareira, que estão em mim naturalmente, porque nasci aqui. "

" *Não milito nessas coisas de movimento negro, mas o meu trabalho é feito por um negro, e isso é uma coisa mais importante até do que o aspecto regional. Está na minha maneira suingue de cantar.*

Sempre opto pela música com suingue. Gosto de ver as pessoas dançarem. Não sei se isso é só por ser negro; talvez tenha a ver com eu ter tocado em baile, mas a verdade é que os ritmos mais rápidos, mais ardentes, são sempre os meus preferidos, tanto para ouvir quanto para compor. Quando as pessoas não dançam nem se agitam, eu fico com a impressão de que não estão gostando. Mesmo na linguagem do teatro, com as pessoas sentadas, onde dá para tocar mais lento, eu ainda assim prefiro que predomine a velocidade.

Na Europa, é um pouco diferente. Eles respeitam muito o artista. Quando se termina de tocar uma música, fica aquele silêncio, mas depois as palmas vêm, e eles aplaudem muito, é muito legal. Se for música brasileira, eles gostam mais ainda.

Logo que eu e o Totonho fomos pra lá, a gente tinha o repertório meio a meio com música nossa e MPB em geral, hoje a gente vai lá e toca só composições próprias, e eles gostam muito. "



Pimenta

Gelson Oliveira

1 *Cm⁹* E LA MBES QUEN TAR FAZ CA RE TA *Cm⁵⁺* E LA PI MEN TA MA

4 LA GUE TA *Cm⁹* ME MOR DEA BO CAIN DA PRO FA NA

7 *Cm⁵⁺* COM SEU CA LOR CAL DO DE CA NA *Ab⁷* *Fm⁷* É TÃO ME NI NA

10 *Ab⁷* *Bb¹¹₇* ES SA MULHER *Cm⁹* ME PE GO SOR RIN DO FA CHI RO

14 *Cm⁵⁺* COM TO DAA CR ISE SEM DI NHBI RO *Cm⁹* A GRA DE CEN DOÁ NA TU RE ZA

18 *Cm⁵⁺* QUEM DEU PRA MIM TAN TA BE LE ZA *Ab⁷* *Fm⁷* *Ab⁷* *Bb¹¹₇* ES SA ME NI NA É TÃO MU...

22 *Fm⁷* *Gm⁷* *Ab⁷* *Fm⁷* *Bb¹¹₇* LIHER... ME SIN TO DEN TRO DEUM DIS... CO VO... A DOR...

27 *Fm⁷* *Gm⁷* *Cm⁵⁺* CA ÇAN DOES TRE LAS DE LUZ... LUZ... LUZ...

Transcrição de partitura por Michel Dorfman.



Salve-se Quem Souber

Gelson Oliveira,
Sergio Rezende
e Paul de Castro

1. *Bm7* VO CE SE PE ERU FRA NON TAR A M...
 2. *Bm7* MAS NUN CA TE VE TEM PO FRALS CU TAR...
 3. *Bm7* MAS DE JE CHE GZI O DIA...
 4. *G* TU DO USLES TA PE ISO KA...
 5. *Bm7* EU QUE FO LI BEX TAR DIZ SAR VO JR...
 6. *Bm7* MEI TO CE DO JA PE SA CU RE BNA...
 7. *Bm7* A BAN DO NAN DOIS BO MEOS...
 8. *Bm7* E VI A MED FAI CSE SO FRI A CA LA DOES...
 9. *Bm7* A CREI TA TAN DO SEM PRE...
 10. *Bm7* NAS RU AS CE HO MINS COM REI TO...
 11. *Bm7* SE TIAN COO SA FRI MAS NAO...
 12. *Bm7* EI ZER...
 13. *G* IA CABE MÃO MAS BEN CA...
 14. *Bm7* VI VER...
 15. *Bm* CUB BEN DOA...
 16. *Bm* CUB BEN DOA...
 17. *Bm* CUB BEN DOA...
 18. *Bm* CUB BEN DOA...
 19. *Bm* CUB BEN DOA...
 20. *Bm* CUB BEN DOA...
 21. *Bm* CUB BEN DOA...
 22. *Bm* CUB BEN DOA...
 23. *Bm* CUB BEN DOA...
 24. *Bm* CUB BEN DOA...
 25. *Bm* CUB BEN DOA...
 26. *Bm* CUB BEN DOA...
 27. *Bm* CUB BEN DOA...

Você me pediu
 Pra contar a minha história,
 Mas nunca teve tempo pra escutar.
 Mas hoje chegou o dia
 E tudo que está preso na memória,
 Eu quero libertar.
 Deixar voar,
 Desabafar,
 Muito cedo já fui sacudido,
 Acordado pela vida,
 Abandonando os sonhos de menino
 E via meu pai que sofria calado,
 Escondendo a ferida,
 Acreditando sempre no destino.
 Nas ruas os homens com jeito de rei,
 Meu coração se trancou,
 Sofri mas não chorei,
 Por isso agora eu posso te dizer,
 Dei muito soco em ponta de faca, irmão,
 Mas nunca quis viver só por viver
 E sempre voei bem com os pés no chão,
 Correndo a cidade
 De boca em boca,
 Correndo nas veias daquele que sabe entender.
 Salve-se quem souber,
 Salve-se quem souber.

Transcrição de partitura por Michel Dorfman.



Índice

Motivo das Capas

1- A Primeira Metade do Século XX (especial) *	- Chão de Tijolo
2- Os Bertussi/Paulo Ruschel	- Chão de Taquaral
3- Barbosa Lessa/Paixão Côrtes	- Erva Mate
4- Túlio Piva/Luiz Menezes	- Tampo de Violão
5- Gildo de Freitas/Teixeirinha	- Bombacha e Laço de Couro
6- Telmo de Lima Freitas/José Mendes	- Crina de Cavalo
7- Leonardo (e "Os 3 Xirús") /Berenice Azambuja	- Assoalho de Salão de Baile
8- Os Poetas (especial) **	- Céu de Porto Alegre no Verão
9- Os Fagundes (especial) **	- Fogo de Chão
10- Giba Giba/Airton Pimentel (e "Os Araganos")	- Parede de Costaneira
11- Geraldo Flach/Bedeu	- Janelas da Usina do Gazômetro (POA)
12- O Pop Rock no Rio Grande do Sul (especial) **	- Guitarra Elétrica
13- Carlinhos Hartlieb (e Mutuca) / Hermes Aquino	- Escadaria da Rua 24 de Maio (POA)
14- Ivaldo Roque/Jerônimo Jardim	- Escultura Natural em Madeira
15- Gaúcho da Fronteira/Luiz Carlos Borges	- Moirão com Arame
16- Fernando Ribeiro/Mário Barbará	- Cobertura do Auditório Araújo Vianna (POA)
17- Raul Eilwanger/Nelson Coelho de Castro	- Margem do Rio Guaíba (POA)
18- Almôndegas/Kleiton & Kledir (especial) **	- Cuíás
19- Plauto Cruz/Fogaça	- Areia de Beira de Rio
20- Noel Guarany/Cenair Maicá	- Parede de Taipá
21- Bebeto Alves/Vitor Ramil	- Campo
22- Nei Lisboa/Gelson Oliveira	- Semáforo
23- Renato Borghetti/João de Almeida Neto	- Boleadeiras
24- Elton Saldanha/Zé Caradípia	- Violão e Calçada da Rua da República (POA)
25- Humberto Gessinger/Júlio Reny	- Interior de Aparelho Valvulado
26- Tangos & Tragédias/Tambo do Bando	- Fachada do Theatro São Pedro (POA)
27- Adriana Calcanhotto/Totonho Villeroy	- Detalhe de Grafite
28- Nenhum de Nós/Papas da Língua	- Conexão de Rede Elétrica
29- A Novíssima Geração (especial) **	- Sinalização de Asfalto
30- Grandes Contribuições à Música do Rio Grande do Sul (especial) ***	- Gaita

* O fascículo 1 inclui material introdutório referente à primeira metade do século XX, com destaque biográfico para Lupicínio Rodrigues e Pedro Raymundo.

** Os seguintes fascículos especiais destacam, respectivamente:

8) Os Poetas : Lauro Rodrigues, Jayme Caetano Braun, Glaucus Saraiva, Apparício Silva Rillo, Sérgio Napp, Luiz Coronel, Luiz de Miranda e Dilan Camargo.

9) Os Fagundes: Darcy, Antônio Augusto, Bagre, Neto, Ernesto e Paulinho Fagundes.

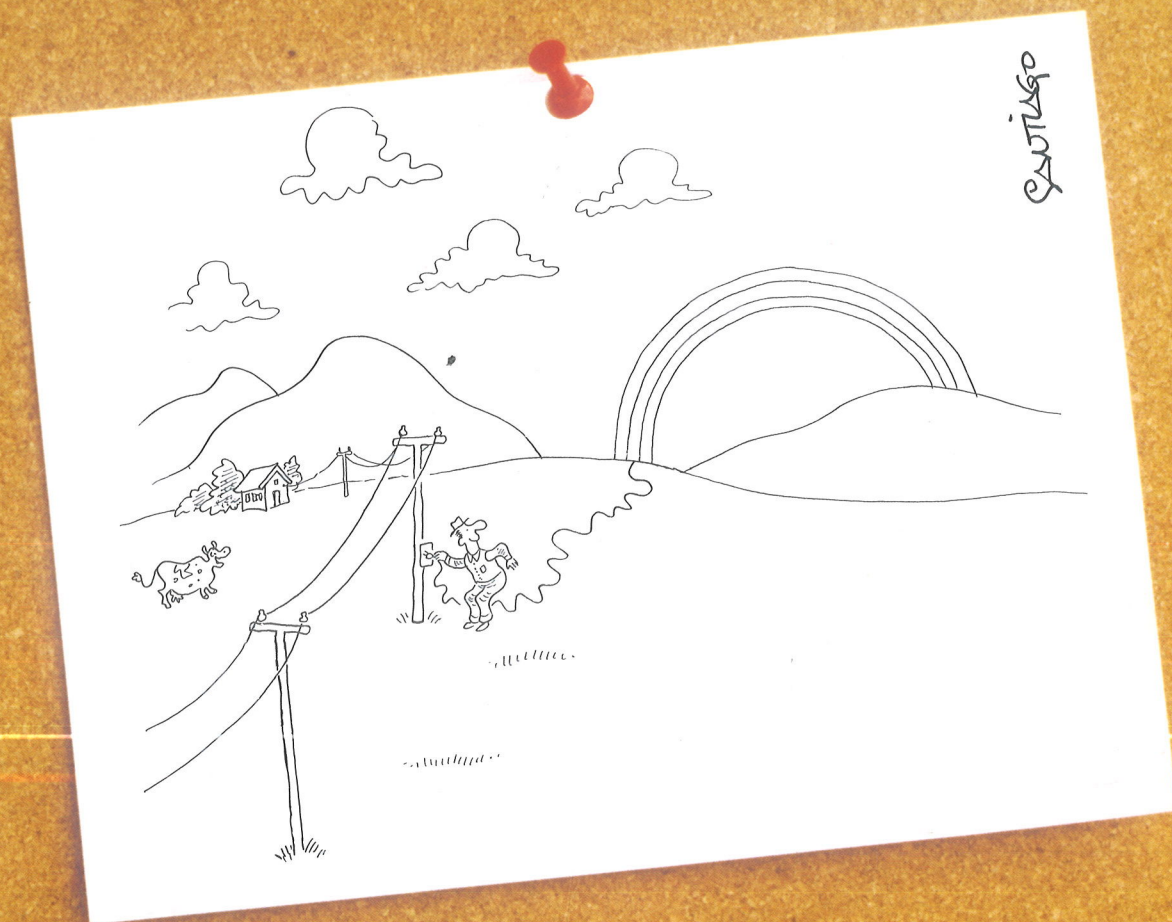
10) Rock: Grupos, bandas e conjuntos de rock (e/ou pop rock) dos anos 60 até o ano 2001.

18) Almôndegas (as várias formações) e Kleiton & Kledir.

29) A Novíssima Geração: Músicos, compositores e gêneros surgidos nos anos 90.

*** O fascículo 30 destaca algumas personalidades, músicos ou não, que contribuíram significativamente para o desenvolvimento da música do Rio Grande do Sul na segunda metade do século XX: Elis Regina, Rubens Santos, Lourdes Rodrigues, Os Grandes Conjuntos da Música Regional (Conjunto Farroupilha, Os Gaudérios, Os Serranos, Os Tapes), Demosthenes Gonzalez, Hardy Vedana, Colmar Duarte, Ary Rêgo, Glênio Reis, Júlio Fürst, Ayrton dos Anjos, Juarez Fonseca, Arthur de Faria, Los Hermanos, "Legião Estrangeira", Dedé Ribeiro, Alfred Hülsberg, José Carlos Lima e O Disco Independente.

Obs : todos os fascículos qualificados como "especiais" têm formato diferenciado do projeto normal de duas biografias por fascículo.



Energia e Cultura iluminando os gaúchos.

LIC
Lei de
Incentivo
à Cultura
Estado do Rio Grande do Sul



CEEE
www.ceee.com.br



GOVERNO DO RIO GRANDE DO SUL
Estado da Participação Popular
Secretaria de Energia, Minas e Comunicações
Secretaria de Estado da Cultura